

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Gestalt-Terapia e Análise Existencial

Isabela Alessandra Silva Tomaz

**CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA AO ATENDIMENTO DE
CRIANÇAS ENLUTADAS**

Belo Horizonte
2022

Isabela Alessandra Silva Tomaz

**CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA AO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS
ENLUTADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo

Belo Horizonte

FICHA CATALOGRÁFICA

150	Tomaz, Isabela Alessandra Silva.
T655c	Contribuições da gestalt-terapia ao atendimento de
2022	crianças enlutadas [recurso eletrônico] / Isabela Alessandra Silva Tomaz; - 2022.
	1 recurso online (37 f.) : pdf
	Orientadora: Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo.
	 Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia
	 1.Luto. 2.Crianças em luto. 3.Gestalt-terapia. I. Melo, Telma Fulgêncio Colares da Cunha. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA AO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS ENLUTADAS
ISABELA ALESSANDRA SILVA TOMAZ

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo - Orientadora
FAFICH/UFMG

Saleth Salles Horta
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 15 de março de 2023.
Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 15/03/2023, às 14:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 15/03/2023, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2148162** e o código CRC **93F2BFCF**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas com as quais pude estabelecer encontros genuínos, que contribuíram de alguma forma na minha caminhada. À minha mãe Fabiana e minha avó Raymunda por estarem presentes na minha trajetória, nas alegrias e dificuldades. Ao meu avô Jéssus e meu tio Geraldo por se fazerem presentes na ausência, que deixou marcas na minha existência. À minha madrinha Maria de Lourdes por ser a pessoa que caminhou comigo e me forneceu suporte para lidar com os percalços da vida, além dos momentos de alegria. A todos os meus amados familiares, em especial meu pai Alessandro e Isadora. Ao Vinícius por compartilhar a vida comigo, com afeto e cumplicidade. A todos os professores da Especialização em Psicologia Clínica, pelas trocas que trouxeram enriquecimento pessoal e profissional. Em especial às professoras Telma e Saleth pelo nosso encontro, acolhimento e disponibilidade de transmitirem seu conhecimento comigo. Aos colegas desta pós-graduação, por todas as trocas, visões diferentes e afeto que ampliaram minha visão de mundo. Em especial, à Íris, Roseli, Sandra, Samanta, Aline e José Eduardo, pelo suporte durante este período. A todos os meus amigos que se mantiveram ao meu lado. Em especial, à Lorene, Nathália e Letícia. À Lívia de Paula por caminhar comigo em um período de psicoterapia significativo e continuar ao meu lado como supervisora. À Claudete por mergulhar comigo no mais íntimo sofrimento e me auxiliar na atribuição de novos sentidos a partir do encontro terapêutico. Aos pacientes que estiveram comigo e confiaram no meu trabalho, em especial às crianças.

RESUMO

O presente trabalho apresenta contribuições para a atuação do psicólogo clínico no atendimento de crianças enlutadas, a partir do viés existencial fenomenológico da Gestalt-terapia. Pode-se considerar que esta é uma abordagem clínica holística e dialógica, que tem por objetivo possibilitar o desenvolvimento humano, a partir das suas potencialidades e possibilidades de ser. Neste contexto, a visão da criança a partir desta abordagem é de um ser-no-mundo-com-os-outros, um ser histórico, ativo, inserido em um contexto social, e cultural específico ao qual foi lançado. Assim, trata-se de um ente que se constitui enquanto constrói o mundo em que vive, a partir da relação com os outros. A partir desta perspectiva, o luto é um processo que faz parte da condição humana. O homem é finito, por este motivo durante toda a sua existência ele se depara com a morte desde a infância, com o qual o homem irá se deparar em diversos momentos da vida. O luto pode ser comparado à cicatrização de uma ferida, que necessitará de cuidado, respeito e acolhimento para vivenciá-lo. Cada processo é singular, uma vez que depende do modo de ser de cada pessoa. Portanto, o atendimento clínico de crianças enlutadas em Gestalt-terapia é um campo que pode propiciar à criança o contato e expressão dos sentimentos e emoções que surgem diante da perda de um ente querido. Neste trabalho, enfoca-se a criança enquanto ser de possibilidade e que possui capacidade, apesar da pouca idade, de vivenciar suas perdas e atribuir novos sentidos ao processo de luto. Para isso, é imprescindível a presença do adulto para fornecer suporte necessário neste percurso.

Palavras-chave: Luto. Criança. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

The present work presents contributions to the performance of the clinical psychologist in the care of bereaved children, from the existential phenomenological bias of Gestalt-therapy. It can be considered that this is a holistic and dialogical clinical approach, which aims to enable human development, based on its potential and possibilities of being. In this context, the child's vision from this approach is of a being-in-the-world-with-the-others, a historical, active being, inserted in a specific social and cultural context to which he was launched. Thus, it is an entity that constitutes itself while building the world in which it lives, based on the relationship with others. Thus, it is an entity that constitutes itself while building the world in which it lives, based on the relationship with others. From this perspective, mourning is a process that is part of the human condition. Man is finite, for this reason throughout his existence he is faced with death since childhood, which man will face at various times in life. Mourning can be compared to the healing of a wound, which will require care, respect and acceptance to experience it. Each process is unique, since it depends on each person's way of being. Therefore, the clinical care of bereaved children in Gestalt therapy is a field that can provide the child with contact and expression of feelings and emotions that arise in the face of the loss of a loved one. In this work, the focus is on the child as a being of possibility and who has the capacity, despite his young age, to experience his losses and attribute new meanings to the grieving process. For this, the presence of an adult is essential to provide the necessary support in this journey.

Key-words: Mourning. Child. Gestalt-therapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. GESTALT-TERAPIA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS	10
3. O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA PARA O HOMEM	14
3.1. Criança e infância: Um olhar fenomenológico-existencial	15
4. O LUTO: UM PROCESSO DA CONDIÇÃO HUMANA	18
5. O ATENDIMENTO PSICOTERÁPICO DE CRIANÇAS ENLUTADAS	22
5.1. Perspectiva psicoterápica da Gestalt-terapia com Criança	22
5.2. Intervenções psicoterápicas com crianças enlutadas	26
6. CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta contribuições para o trabalho do psicólogo clínico ao atendimento de crianças enlutadas, a partir da perspectiva fenomenológico-existencial da Gestalt-terapia. As questões das perdas e dos lutos fazem parte do desenvolvimento humano, em seu ciclo vital, desde o período infantil (KÓVÁCS, 2021). A vivência do luto irá acompanhar a pessoa durante os processos da vida uma vez que ser-para-morte é uma condição humana.

Este tema de trabalho foi escolhido pelo interesse em realizar estudos sobre a questão do luto, bem como sobre as particularidades da vivência de perdas na infância. O desejo de pesquisar sobre o assunto surgiu a partir da prática clínica com crianças enlutadas. É notória a relevância da discussão acerca da temática do luto, uma vez que se vivencia o período de pós-pandemia, que ocasionou diversas mortes em cenário mundial. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) houve um excesso de mortalidade nos últimos anos ocasionado diretamente e indiretamente pela pandemia de COVID 19 (OMS, 2022).

Nesse contexto, foi notório o aumento da busca por atendimento psicoterápico após a perda de pessoas do convívio familiar das crianças. Assim, tornou-se necessário o aprofundamento nos estudos sobre a temática. Para além da experiência dos atendimentos, houve um interesse particular em abordar esta temática da vivência do luto na infância, uma vez que este processo de reconstrução após a perda de alguém significativo foi vivenciado também pela autora durante a infância. Pode-se perceber que passar por este processo deixa marcas profundas até a vida adulta.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a revisão narrativa bibliográfica sobre a abordagem clínica escolhida, bem como das temáticas do luto e do atendimento infantil por esta vertente da psicologia. A escolha da abordagem teórica que fundamenta este trabalho foi a Gestalt-terapia por ser uma perspectiva que aborda o homem em sua totalidade, integrando dimensões “sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais” (GINGER; GINGER, 1995, p. 17).

Para a abordagem gestáltica, o homem é abertura e possibilidades. Ele se constitui como personalidade enquanto interage consigo mesmo, com o mundo e com o outro. Fala-se aqui sobre a pessoa enquanto um ser-no-mundo-com-os-outros. Essas características são exclusivas do humano, pois somente o homem atribui significado às próprias experiências e

ele sabe da própria finitude. Diante dessas circunstâncias é responsável por sua existência num constante vir a ser com plena consciência de ser-para-a-morte.

Assim como o adulto, a criança também é vista como existência. Sendo assim, o período infantil não é uma fase de preparação para a vida adulta. A criança é quem mais sabe de si. Entretanto, por ser recém chegada ao mundo ela precisa da parceria, do cuidado do adulto para ampliar os seus horizontes e constituir-se como pessoa enquanto constrói o próprio mundo. O processo de crescimento constante é uma condição humana.

A partir das reflexões sobre o luto infantil, pode-se perceber que enlutar-se é um processo que faz parte da existência, com o qual o homem irá se deparar em diversos momentos da vida. Esta é uma questão que não estará somente presente quando alguém morre, mas vem a partir das mudanças inerentes à dinâmica da vida que envolve perdas. Diante disso, este processo pode ser comparado ao de cuidado na cicatrização de uma ferida, que deixará marcas durante a vida de quem sofre a perda. Além disso, será realizada uma alusão ao processo de luto vivido na infância.

Ao refletir sobre a temática, nota-se que o acolhimento e acompanhamento do adulto para com a criança enlutada trará benefícios para saúde mental infantil. Este acompanhamento a partir da superação da visão da criança enquanto fragilidade e reconhecimento do seu potencial vital. Nesse sentido, deve-se permitir que ela possa participar, sentir, expressar suas emoções no momento de sofrimento assim como expressa seus desejos e sucessos, nos momentos de alegria. Logo, vivenciar o luto dentro das suas condições de estar no mundo sendo criança, com os recursos que lhe são originais nesta etapa da existência, poderá contribuir para a construção do autossuporte.

Este trabalho será dividido em quatro seções. No primeiro capítulo serão abordadas as bases filosóficas e epistemológicas da Gestalt-terapia, a partir dos fundamentos filosóficos e epistemológicos que são imprescindíveis para a compreensão desta abordagem clínica. Assim, serão apresentados a Fenomenologia, Existencialismo, Humanismo, assim como a Teoria de Campo, Teoria Organísmica e Psicologia da Gestalt. O segundo capítulo versará sobre a visão de homem que sustenta a prática clínica da Gestalt-terapia.

Após os apontamentos sobre a visão de homem, será apresentada a visão da criança a partir do método fenomenológico, o qual propõe uma mudança paradigmática neste estudo. No terceiro capítulo, o luto é abordado como parte da constituição humana. A última seção do texto versará sobre o atendimento infantil na perspectiva da abordagem gestáltica. Esta parte contará com a interlocução entre a teoria e a intervenção com crianças enlutadas.

2. GESTALT-TERAPIA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS

“Sempre há uma possibilidade de crescimento.”
(Fritz Perls)

A abordagem psicoterapêutica gestáltica surge no contexto da psicologia humanista. Tem como um de seus marcos a publicação da obra **Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality**, escrita por Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline no ano de 1951 (FRAZÃO, 2013b). Esta abordagem clínica possui como fundamentos filosóficos a Fenomenologia, Existencialismo, Humanismo, e fundamentos epistemológicos a Teoria Organísmica, a Teoria de Campo e Psicologia da Gestalt (RIBEIRO, 2015).

Pode-se considerar que a Gestalt-terapia é uma abordagem clínica holística e dialógica, que tem por objetivo possibilitar o desenvolvimento humano, a partir das suas potencialidades e possibilidades de ser. Leva em consideração o homem e as relações por ele estabelecidas em um mundo compartilhado. Dessa forma, não há o intuito de se obter a cura para um adoecimento, mas autorregulação, construção de autossuporte, flexibilidade, a partir da singularidade de cada pessoa.

Conforme explicitado pelos principais autores da abordagem gestáltica, “Gestalt-terapia é fenomenologia aplicada” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.28). Dentre tais influências sofridas por esta abordagem clínica da psicologia, a fenomenologia é considerada filosofia e prática metodológica. Como filosofia, a fenomenologia possibilita a abertura às possibilidades de conhecer o fenômeno suspendendo qualquer pré-concebido, para chegar ao conhecimento original do ente. A fenomenologia de Husserl, enquanto prática, apresenta uma mudança paradigmática em relação ao método científico tradicional. Trata-se de um método compreensivo, está em busca do retorno às coisas mesmas.

Para alcançar a singularidade, a proposta da fenomenologia é a redução fenomenológica e a adoção da atitude antinatural. É necessário questionar e ampliar a visão apresentada pelo senso comum, pelo que já é conhecido cientificamente para conseguir realizar a mudança de postura frente aos fenômenos. A mudança de atitude possibilita que entrar em contato com aquilo que se mostra, buscando o sentido trazido pela particularidade e escapando de uma visão que objetifica. Em suma o objetivo do método fenomenológico é “prescindir das especulações, hipóteses e leis gerais para entrar em contato com a especificidade, a originalidade e a singularidade de cada fenômeno que se mostra” (REHFELD, 2013, p.17).

Junto à fenomenologia, o Existencialismo também é considerado como uma das bases filosóficas da Gestalt-terapia. De acordo com Lins (2013), o Existencialismo surgiu a partir de reflexões sobre o homem e seus modos de ser no mundo. Pode ser compreendido como um conjunto de doutrinas filosóficas, que foi proposto por autores como Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Martin Buber. Por ser uma abordagem que tem como proposta a compreensão do homem enquanto projeto existencial, que possui liberdade e responsabilidade, a Gestalt-terapia reafirma seu caráter existencialista.

O enfoque sobre a questão relacional também é uma herança do Existencialismo para a Gestalt-terapia. Martin Buber evidenciou em seus estudos a importância da dimensão relacional para a condição humana. Para se construir como humano é necessária a presença de seu semelhante. A partir do encontro do homem com outro que seja presença confirmadora, será possível que o homem consiga entrar em contato consigo mesmo.

O terceiro pilar de sustentação filosófica da Gestalt-terapia é o Humanismo. Esta é uma corrente que também toma o homem como o foco de seus estudos. Assim, elabora uma visão de mundo e de existência cujo centro é o homem (RIBEIRO, 2012). O Humanismo tem como seus fundamentos o resgate do humano e de suas potencialidades, uma vez que ele se diferencia de todos os outros seres pelo poder de criar, transformar e dar novos sentidos a si mesmo e ao mundo em que ele está inserido. A psicoterapia que tem como um de seus pilares a perspectiva humanista procura fazer uma reflexão sobre o ente do homem que traz consigo as suas potencialidades nas possibilidades de ser. Por isso, a pessoa é sempre responsável pelo seu modo de ser no mundo.

A filosofia humanista evidencia a visão holística do humano. Para isso, supera uma visão determinista e apresenta o homem como ser único e inteiro, o qual não deve ser compreendido somente de forma fragmentada. A pessoa é capaz de saber o que é melhor para si. Portanto, ao seguir a base filosófica humanista em psicoterapia não se refere a uma simples aplicação de uma teoria no homem, mas de um trabalho no qual o homem tome posse de si e do mundo.

No que diz respeito aos fundamentos epistemológicos da Gestalt-terapia, a Teoria Organísmica busca compreender o homem como totalidade, do mesmo modo que a filosofia humanista. Sendo assim, tem como um de seus pressupostos o caráter relacional do ser humano com o ambiente que o cerca. Ao abordar sobre a criação de tal teoria como uma das bases da linha gestáltica, Lima (2013) evidencia que de acordo com os estudos nesta teoria, havia uma lei que regeria o funcionamento dos organismos, a qual opera constantemente por um princípio autorregulador.

Esta perspectiva teórica trata o homem como organismo, por este motivo a dimensão biopsicossocial deve ser considerada, bem como as constantes trocas com o meio em busca de autorregulação. Este processo de busca de equilíbrio ocorre de maneira constante e está diretamente relacionado à autoatualização. Isto se refere a um impulso natural do homem que acontece de forma contínua e pelo meio do qual é possível renovar, modificar e se adaptar criativamente ao meio(RIBEIRO, 2015).

A outra base epistemológica da abordagem clínica em questão é a Teoria de Campo. De acordo com Rodrigues (2013), Perls se baseou nesta teoria para buscar por uma compreensão acerca da interação que se dá entre homem e mundo. A visão da perspectiva de Lewin busca preparar as pessoas para uma nova metodologia, na qual o homem está inserido em um mundo, superando o paradigma da modernidade de individualidade e fragmentação. Não é uma concepção determinista, mas envolve um campo vivencial criado pela presença do homem e sua relação com o meio, que não é determinante. Vale ressaltar que cada situação é descrita como singular em meio à pluralidade do mundo. Assim, leva em consideração as experiências do aqui-e-agora para a historicidade de cada ser-no-mundo.

A teoria de campo vê o homem como a totalidade de fatos que podem ocorrer em um dado momento. Tudo se inclui nesta totalidade, pessoa e meio, variáveis psicológicas e não psicológicas. Todos esses elementos distintos e dinamicamente inter-relacionados necessariamente se influenciam (RIBEIRO, 2015, p.79).

A Psicologia da Gestalt apresenta conceitos que fundamentaram e originaram a abordagem estudada. Surgiu no início do século 20, através das contribuições de Wertheimer, Köhler e Koffka (FRAZÃO, 2013a). O termo Gestalt pode ser compreendido enquanto totalidade, todo. Um dos conceitos fundamentais para compreensão desta psicologia é a relação entre o todo e as partes. Não há como separar o todo de suas partes para compreendê-lo. É importante conhecer como as partes se relacionam para formar o todo. Em uma perspectiva clínica, é preciso compreender como cada parte da pessoa que é desvelada se conecta com o todo.

No estudo da Psicologia da Gestalt estão presentes também as dimensões de figura e fundo. Os dois termos se referem a uma dupla representação, em que há uma conexão entre ambas as dimensões. Figura e fundo coexistem. Sendo assim, não se pode compreender a figura como somente uma parte isolada de um fundo. A figura existe no fundo, e este fundo a revela e permite com que ela surja de maneira particular. É o ponto que se destaca dentro de algo mais amplo, que é o fundo. A relação entre psicoterapeuta e cliente pode ser um exemplo

das dimensões citadas, em que o cliente é a figura que aponta o caminho a ser seguido para uma procura mais ampla (RIBEIRO, 2012).

Vale ressaltar que esta perspectiva epistemológica aborda o conceito de aqui e agora, também muito utilizado em Gestalt-terapia. Trabalhar com o presente, do que emerge a partir do momento do encontro, não é desconsiderar as influências do passado da pessoa. Mas trata-se do presente enquanto possibilidade de compreender e experienciar a realidade. Estar no aqui e agora traz consigo a abertura para vivenciar a experiência no momento presente, do modo como ela acontece, deixando em segundo plano aspectos antecedentes que exemplifiquem ou justifiquem tal vivência.

Logo, a abordagem gestáltica como uma linha de atendimento clínico superou a dicotomia de relação sujeito e objeto. Apresentou a compreensão humana a partir da relação estabelecida entre organismo e meio. Sob a mesma ótica, o enfoque central do trabalho do gestalt-terapeuta está na relação estabelecida entre psicoterapeuta e paciente. Tal relação que deve favorecer a aproximação do homem dos seus sentidos e potencialidades, na medida em que, no aqui e agora, ele se torne consciente de si mesmo.

As teorias e fundamentos filosóficos apresentados sustentam a abordagem clínica gestáltica, a qual é uma perspectiva da psicologia clínica que busca compreender o homem, a partir dele mesmo e das relações que estabelece. Assim, será abordada de forma ampliada a visão de quem é o ser humano para a Gestalt-terapia e de como a criança pode ser compreendida.

3. O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA PARA O HOMEM

“Homem, ser no mundo,
sujeito de sua existência
em busca de sua verdade
criativamente transformando seu mundo
e sendo transformado por ele.”
(Therese A. Tellegen)

A partir da fundamentação teórica e epistemológica da abordagem gestáltica é notória a mudança paradigmática em relação à teoria do conhecimento do ser. Há uma transformação no que se refere à forma como se pensa o homem. O pensamento baseado nas ciências naturais é ampliado, trazendo uma nova visão que tem como pilares o conhecimento interpretativo e de questionamento sobre quem é o homem.

Para isso, superam-se as contribuições trazidas pelas leis gerais tais como as generalizações trazidas pelo conhecimento científico, senso comum, teorias do desenvolvimento e algumas matrizes epistemológicas da psicologia. Assim, evidenciando os aspectos singulares, que são alcançados a partir do momento em que acontece a suspensão dos pressupostos para ir ao encontro do ser e dos significados que ele constrói para a própria existência.

O ser que se busca compreender a partir da Gestalt-terapia está ancorado no conceito de existência. O homem possui consciência da própria existência e da sua finitude, diferentemente dos demais entes. O homem é o único ente que questiona, pela sua existência. Afetividade, entendimento e linguagem fazem parte das categorias que são exclusivas do ser humano e o diferenciam dos demais entes que habitam o mundo (ANGERAMI, 2007).

Ao falar sobre o homem, não é possível deixar de considerar sua condição de possibilidade, e o poder de transformação e reorganização constante. O homem vai se constituindo enquanto vive. Além de construir a si mesmo ele também tem a possibilidade de transformar seu ambiente de vida e de se adaptar a novos meios. Carrega consigo a indeterminação, de estar sempre inacabado. A partir da indeterminação e de estar imerso em um mundo repleto de possibilidades, homem é livre para ser e decidir sua própria vida, quais caminhos percorrer (RIBEIRO, 2012).

Neste contexto, pode ser compreendido como um ser-no-mundo, uma vez que é um ser histórico, inserido em um contexto social e cultural específico ao qual foi lançado. Não há como compreender um homem desconsiderando as especificidades do contexto em que ele se

insere e sua relação com o mundo, uma vez que ele se compõe a partir do mundo com o qual se relaciona. Homem e mundo são coexistentes. Vive-se em um mundo compartilhado, por isso o homem é considerado ser-com. A partir das relações estabelecidas com outras pessoas, objetos e ambiente ele se constrói, se modifica.

Outra questão fundamental para compreensão de homem em Gestalt-terapia é que o ser humano é totalidade. Pode ser considerado como um ente que possui dimensões biológicas, psicológicas, históricas, sociais e emocionais. Entretanto, tais aspectos não podem ser observados que forma fragmentada. Conforme apontado anteriormente nos conceitos de Psicologia da Gestalt, a redução do homem ao observá-lo somente através de um ponto de vista pode trazer enganos e superficialidade. Não há separação entre as partes que compõem o homem, mas sim integração. Nesta perspectiva é impossível separar corpo e mente, uma vez que são aspectos que estão correlacionados e que compõem a totalidade da existência.

De acordo com a perspectiva fenomenológica, o homem é um ser-para-a-morte. O caráter de finitude acompanha o homem em toda a sua existência. A morte é o fim de um processo natural do viver e só tem sentido para quem existe e toma consciência sobre ela. Heidegger (1989) percebe o homem enquanto finito, uma vez que compreende a morte como processo que faz parte da existência naturalmente. De acordo com o autor, a morte é a única possibilidade garantida em meio às impossibilidades que cercam o ser humano. Além disso, a morte como aspecto que define a existência pode ser experimentada no mundo compartilhado de forma indireta, a partir do outro que morre (WERLE, 2007). A morte do outro evidencia a certeza da finitude no processo da vida humana.

3.1.Criança e infância: Um olhar fenomenológico-existencial

“Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
ele vem pra me dar a mão.”
(Milton Nascimento)

Assim como os fundamentos da abordagem gestáltica apresentam uma procura pelo que há de particular no homem, a visão da criança também ocorrerá de forma semelhante. Sabe-se que existem diversas teorias do desenvolvimento infantil que baseiam o entendimento da criança entre o normal e o patológico. Mas o que está em questão dentro de uma

perspectiva fenomenológica é questionar os conhecimentos que já estão presentes para conseguir entrar em contato com o fenômeno tal qual ele se desvela.

Adotar uma postura natural em relação à criança, pode se tornar um caminho reducionista e superficial. Ouvem-se diariamente perspectivas, as quais partem do princípio de que a criança é um sujeito em desenvolvimento cujo estágio final culminará na vida adulta. De acordo com as contribuições de Cytrynowics (2018), “a objetivação da criança e infância, transformadas em questão teórica da ciência e do conhecimento, distanciou o entendimento do mundo da criança e das experiências infantis” (CYTRYNOWICS, 2018, p. 70).

Embora a criança seja considerada em diversas circunstâncias como inferior ao adulto, a Fenomenologia apresenta uma visão ampliada sobre este período. Há uma superação das idéias presentes nas teorias do desenvolvimento, que fornecem uma previsibilidade plural do período de crescimento infantil. Compreender fenomenologicamente a criança é colocar entre parêntesis os estágios de desenvolvimento esperados para determinada faixa etária, fases definidas, características descritas para cada sintoma para conhecer o significado da experiência para cada criança, em sua particularidade (CYTRYNOWICS, 2018).

Sendo assim, o método de conhecimento fenomenológico nos remete à possibilidade de conhecer a criança inserida em um mundo, no qual se considera aspectos temporais, sociais, espaciais, biológicos e culturais. Tais aspectos referem-se à interação do homem com o mundo, que somente será encerrado com a morte. Conforme afirmado por Melo esta percepção com o olhar da criança como alguém que vai se desenvolver até a vida adulta é um equívoco, já que “o homem só interrompe seu desenvolvimento com a morte” (MELO, 2018, p.87).

A partir do olhar fenomenológico-existencial o homem é considerado como ser de possibilidades, imerso em um eterno vir-a-ser. Nesse sentido, “é necessário esclarecer que não mais ser e ainda não ser constituem fundamentos da condição humana, não especificamente das crianças” (CYTRYNOWICS, 2018, p.72). A criança também carrega consigo este caráter da existência como possibilidade. Deste modo, assim como o adulto, deve ser “tomada em sua totalidade existindo-em-um-mundo” (FEIJOO; PROTÁSIO; GILL, 2015).

Neste contexto, a criança da qual se fala aqui é um ser que carrega consigo todas as particularidades da existência desde o nascimento. Assim, a compreensão existencial da criança migra da pluralidade da teoria psicológica do desenvolvimento, para olhar a criança em sua singularidade. O período infantil, como qualquer etapa da vida, é compreendido como uma existência marcada pelo caráter de indeterminação (FEIJOO; FEIJOO, 2015). A criança é lançada ao mundo como um ser de possibilidades. Está inserida em um mundo, tem

consciência sobre a existência, questiona, carrega consigo a historicidade e a finitude. Por isso, a criança é capaz de vivenciar as experiências da vida. Portanto, e é necessário que se confie nas potencialidades e possibilidades dela, superando uma visão que a incapacita.

A questão principal que diferencia a criança do adulto é que ela possui o horizonte encurtado. A criança possui menos tempo de experiência e trocas neste mundo compartilhado ao qual ela foi lançada. É um novo ser que chegou a um mundo já existente. A criança, assim como homem é um ser de relação. A partir da relação estabelecida com o adulto ela conseguirá atribuir significado a este mundo novo. É papel do adulto acompanhá-la neste processo de construção de si mesmo e do mundo em que está inserida.

A visão fenomenológica contribui para o atendimento clínico infantil através de sua abertura de compreender a novidade que cada criança apresenta a partir de si mesma e dos significados que ela atribui à realidade. Para tanto, é imprescindível o olhar direcionado ao que ela própria revela como possibilidades e limitações, enquanto ser-no-mundo. Neste viés, delicadeza e simplicidade caminham juntas para alcançar o que nenhuma teoria determinista consegue: a singularidade.

Conforme destacado, o conceito existencial de morte acompanha o homem em toda a sua trajetória e não é diferente no que se refere à criança. O morrer é algo que faz parte da existência e desde a infância o homem é determinado por isso. Conforme apontado por Evangelista (2016) a morte e a vida estão diretamente relacionadas, porque uma pertence à outra. O que torna a experiência de cada pessoa individual é a possibilidade certa de que se é um ser-para-a-morte.

Compreender a criança também como ser-para-a-morte é colocar em evidência que desde o período infantil a presença da finitude na construção da identidade, assim como todos os aspectos da existência. A morte é apresentada a criança de diversas maneiras desde o momento em que ela é lançada no mundo compartilhado. Para abordar sobre o atendimento infantil de crianças enlutadas, a temática do processo de luto será destacada no próximo capítulo.

4. O LUTO: UM PROCESSO DA CONDIÇÃO HUMANA

“O luto é convite para lidar com a falta; com o resgate da fé; com o acolhimento do não saber; com a tolerância para informações mal respondidas...”
(Karina Fukumitsu)

A morte é parte integrante da existência, por ser inerente à condição humana. De acordo com Tavares (2001), “a vida é mortal, e a morte pode ser tratada como condição vital, condição de quem está e se reconhece vivo” (TAVARES, 2001, p. 63). Não há como passar pelos processos da vida e não se deparar com as perdas. O luto e a dor da falta não são hostis à vida, mas são característicos do processo de vida que está sempre sujeito a modificações e perdas (LÄNGLE; BÜRGI, 2021).

De acordo com Ariés (1977) a relação com a morte sofreu modificações ao longo do tempo. A partir do século XIX houve uma mudança da relação da sociedade ocidental com o morrer, em que houve um distanciamento das pessoas em relação à morte. Como consequência deste movimento de distanciamento, percebe-se que a partir século XX há uma tentativa de suspensão e negação do processo de luto.

Deste modo, as pessoas começam a esconder seus sentimentos e evitar manifestações de sofrimento neste período doloroso. Conforme lembrado por Kóvács (1992), existe uma tentativa de controle sobre os sentimentos provocados pelo luto, uma vez que a sociedade evita lidar com os sinais da morte. Ressalta-se que reconhecer a morte do outro, lembra a certeza da própria morte como parte do processo da vida humana.

As perdas estão diretamente associadas ao caráter de possibilidade do ser humano. A partir do momento em que ocorre uma transformação ou mudança as perdas estarão presentes. Abordar a questão do luto não se trata somente da perda de uma pessoa pela morte, mas pode se tratar de questões como o encerramento de uma relação, de uma mudança de ambiente, das mudanças corporais que ocorrem durante a vida. Conforme lembrado por Viorst (2002) o nascimento, momento em que se inicia a vida já começa com perdas. Isto acontece logo que o homem nasce, uma vez que ele já é lançado para fora de um ambiente de conforto, o útero da mãe.

Dessa forma, os processos de luto ocorrem de diversas maneiras, em momentos variados da existência humana. Tornando-se, assim, uma experiência universal. De acordo com Casellato (2020, p.9) o processo de luto é iniciado em “situações em que há perdas significativas por morte ou em circunstâncias em que, mesmo que não haja morte concreta, o

impacto é o mesmo do que houvesse”. Ainda de acordo com a autora, percebe-se que os processos de luto são eventos significativos, em que a elaboração pode se transformar ao longo da vida.

Estes processos são iniciados no período infantil, quando a irreversibilidade da morte é apreendida pela criança. “Aproximadamente a partir dos 6 anos, a criança adquire o conceito de não funcionalidade, causalidade da morte e continuidade não corpórea” (CASELLATO, 2020, p. 41). Vale ressaltar que a primeira experiência de luto na vida de uma pessoa pode ocorrer também em situações em que não houve morte concreta, tais como: acolhimento em abrigo institucional, mudança de cidade, separação dos pais.

O luto pode ser compreendido como um processo que envolve as reações do homem diante das perdas sofridas durante a vida. Tavares (2008) pontua que este processo expressa os sentimentos mais singulares e profundos da existência. Ela situa o luto ao lado da morte e da vida, como evento e processo. Os modos de cada ente humano lidar com o processo de luto são particulares. Contudo, existem fatores sociais, das circunstâncias que ocorreu a perda e pessoais que influenciam no modo como a pessoa lida com este processo (BOWBLY, 1985).

Quando se aborda o luto pela morte de um ente querido existem alguns pontos que devem ser levados em consideração. De acordo com o Worden (1998) tais fatores se referem sobre quem a pessoa representava na história do enlutado, de que modo se dava a relação entre eles. Outros pontos que merecem atenção também são: o modo como ocorreu a morte, o histórico de perdas sofridos pela pessoa. Vale lembrar que as relações estabelecidas pela pessoa com os outros e com ela mesma em um mundo compartilhado também estão diretamente relacionadas ao seu processo de luto.

A psiquiatra Kübler-Ross (2008) descreveu estágios pelos quais o homem passa durante o processo de luto. Dividiu os estágios em negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, consecutivamente. Ao tomar conhecimento da situação dolorosa, que causa sofrimento, e pela dificuldade de encarar a morte o primeiro estágio definido pela autora é a negação. Durante a negação há uma intensa defesa psíquica do enlutado, com o objetivo de evitar o contato com a realidade da perda do ente querido.

Outro estágio que ocorre no processo de luto é a raiva, momento em que o enlutado questiona o motivo de tal situação estar acontecendo. É um sentimento que pode surgir diante da impotência de modificar a realidade, de lidar como inexorável da morte. Mas por ser mobilizadora, a raiva é fundamental para a reorganização da vida. “é um esforço, uma luta aceitar o que não podemos mudar. A grande ultrapassagem é desenvolver a capacidade de transformação dentro de nós mesmos” (TAVARES, 2001, p.35).

Como uma tentativa de alívio do sofrimento sentido pela morte, ocorre a busca por alguma solução ou acordo dentro da realidade vivida. Diante disso, surge o estágio da barganha ou troca, que é uma busca pelo controle da situação que se vivencia através das tentativas de negociação. Após isso, ao se deparar com a realidade da falta e do vazio, inicia-se o período de depressão. Vale ressaltar que a depressão descrita pela autora se refere a um processo natural decorrente da perda, o que é diferente da definição da depressão enquanto patologia.

Após passar por este período de sofrimento, o processo de luto continua com o objetivo de se chegar à aceitação da perda. A vivência desta fase propicia que o homem lide com a realidade de forma diferente, atribuindo um novo significado diante da situação que ocorreu. Durante este processo de aceitação, ocorre o aprendizado sobre conviver com a ausência daquele que se foi e há a tentativa de reorganização da pessoa ao entrar em contato com a parte que dela foi arrancada (KÜBLER-ROSS; KESSLER, 2005).

Desde os trabalhos introdutórios da Gestalt-terapia, a temática do luto foi inserida. Assim, o luto foi conceituado como “a tensão da perda ou a falta de aceitação da ausência do objeto no campo, para nos retirarmos e recuperarmos” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1987, p. 213). Neste trecho, os principais autores da abordagem gestáltica colocam em questão o processo de reorganização da pessoa, diante da falta de algo ou alguém significativo.

Para FUKUMITSU (2004, p.80), LÄNGER e BÜRGI (2021), o processo de luto pode ser comparado à “cicatrização de uma ferida”. Quando acontece uma perda significativa pode-se compará-la a um ferimento que causa dor e sofrimento e necessita de tempo para cicatrização. Dependerá de cada organismo o tempo de cicatrização, não é possível defini-lo objetivamente. Dessa forma, o luto pode ser considerado como um período de cuidado com a própria ferida. Assim, é tempo de olhar para a ferida, limpar e utilizar os medicamentos necessários para tratar do ferimento. A ferida que se abre a partir da perda de uma pessoa significativa dói de um modo distinto para cada um. E quando estiver cicatrizada deixará marcas, as quais o enlutado levará em sua vida.

Existem algumas estratégias que auxiliam na vivência deste processo, tais como a percepção de si mesmo, respeito do tempo necessário para viver o processo, a consciência de que viver envolve se arriscar e que é possível continuar após as perdas (FUKUMITSU, 2004). De acordo com os apontamentos de Langle e Bürgi (2021), a vivência do luto refere-se a um modo pessoal de lidar com a falta de algo que é valioso para a vida do enlutado.

Através da passagem por este processo de elaboração, a pessoa pode aproximar-se de si mesma. E no fim do processo não ocorre a perda da ligação com o ente perdido, mas sim a internalização da relação. Dessa forma o amor sentido não pode ser apagado, ele continua vivendo dentro do enlutado. O que altera é a forma como a ligação é vivenciada, ocorre a partir da vivência da falta, bem como ao significado que a pessoa atribui à ausência do ente querido.

Portanto, o luto pode ser compreendido como um percurso no qual a existência precisará de organização após ter ocorrido uma perda. Sendo assim, é um processo no qual ocorre o fechamento de uma situação. É um processo que necessitará do contato com os sentimentos e emoções provocados pela dor da perda para que o organismo consiga se reajustar para dar um novo sentido ao que foi vivenciado e o novo modo de existir após a ruptura. E assim, permitir-se tocar e ser tocado mais uma vez pela vida.

A psicoterapia é um recurso importante para auxiliar o enlutado na reconstrução de seu autossuporte, no resgate das possibilidades e potencialidades durante o processo de luto. Este acompanhamento deve ocorrer de forma interpessoal (LÄNGLE; BÜRGI, 2021). Desse modo, ao se acompanhar alguém em processo de luto o objetivo não é realizar imposições ou esperar algo daquele que chega, mas de percorrer um caminho junto, de forma empática e compreensiva. No trabalho com o público infantil, que será proposto no próximo capítulo, o atendimento clínico como intervenção que pode oferecer suporte à criança diante da vivência de uma perda significativa.

5. O ATENDIMENTO PSICOTERÁPICO DE CRIANÇAS ENLUTADAS

5.1. Perspectiva psicoterápica da Gestalt-terapia com Criança

“A finalidade da terapia não é a cura, a finalidade da terapia é cuidar, quando a pessoa se sente cuidada, ela se cura.”

(Jorge Ponciano Ribeiro)

A mudança da visão da criança a partir da Fenomenologia-existencial, bem como os principais conceitos da abordagem gestáltica já descritos embasam teoricamente o atendimento psicoterápico infantil por esta vertente. Para pensar sobre a prática clínica do psicólogo, é importante a ampliação dos pontos de vista já estabelecidos pelo terapeuta, que ocorrerá a partir do momento em que o profissional coloca entre parêntesis o seu conhecimento prévio, para conseguir estar com a criança e alcançar a sua visão de mundo. Não se pode perder de vista a dimensão relacional, estabelecida entre terapeuta e paciente.

Conforme apontado por Aguiar (2014), o atendimento psicoterapêutico infantil envolve o estabelecimento de uma relação sólida entre a criança e o terapeuta, que ocorre a partir do respeito e aceitação de quem chega ao encontro. Vale lembrar que o objetivo da Gestalt-terapia não é a eliminação do sintoma. Mas o intuito é compreender o sentido da queixa para aquela criança que chega ao consultório. Para que isso aconteça é necessário que o terapeuta vá onde a criança está. É necessário que o encontro não tenha pretensões de caráter pedagógico e/ou educativo. O atendimento infantil por esta vertente pode ser compreendido como uma prática clínica do cuidado, a despeito de uma busca pela cura.

Assim, não se procura pelas causas do adoecimento e o objetivo não é nomear e classificar sintomas. Mas o essencial é compreender o modo de ser da criança no mundo e os significados deste mundo para ela. De acordo com Melo (2018, p.107), a função do terapeuta infantil é a de “acompanhar de forma cuidadosa a criança, no ritmo dela”. Deste modo, é fundamental ao psicoterapeuta acreditar “na capacidade da criança de descobrir por si mesma, na parceria, o significado de suas vivências na presença acolhedora e respeitosa do outro”.

No despertar da relação entre cliente e terapeuta será estabelecida uma forma de contato. Esta forma de contato se refere a um acompanhamento disponível. É um modo de cuidado que facilita o desvelar do fenômeno e que acredita que somente a pessoa sabe sobre si mesma. A partir da confirmação do adulto, a criança se sente segura e o seu modo de ser-no-mundo aparece. Assim, tais experiências que envolvem emoções e afeto ocorrem a partir da presença consciente de um eu-no-mundo-com-o-outro (ANTONY, 2010). Através da

exploração das temáticas abordadas pela criança, de forma verbal e não verbal, será possível compreender o seu modo de estabelecimento de estar no mundo com o outro.

Vale ressaltar que a noção de contato em Gestalt-terapia não se refere a qualquer tipo de interação. De acordo com a perspectiva dialógica, o “entre” é o espaço onde acontece o encontro inter-humano. Isto significa que o percurso clínico se instaura no campo da intersubjetividade. Quando se fala sobre diálogo, não se fala somente sobre a interação verbal. Refere-se à “abertura com que uma pessoa encontra a outra e a resposta recíproca dessa pessoa” (HYCNER, 1995, p.68). Aguiar (2014), afirma que o trabalho psicoterápico infantil deve propiciar à criança entrar em contato pleno com o mundo, através dos seus sentidos, reconhecimento corporal, aceitação e expressão de seus sentimentos. A partir disso, a criança tem a possibilidade de se reconhecer e se aceitar em sua própria singularidade.

Para conseguir acessar o mundo da criança os recursos lúdicos se tornam essenciais no atendimento. Para além do que é dito, os aspectos lúdicos possibilitam a compreensão sobre os pensamentos, emoções, modos de agir da criança frente às situações. Através da brincadeira é possível alcançar o que Ribeiro (2010) nomeia como a grande arte do atendimento infantil. Esta se refere “ao terapeuta conseguir olhar a criança e o mundo a sua volta como ela mesma se vê e vê o mundo” (RIBEIRO, 2010, p. 11).

Assim, o encontro propicia a criação de “solo fértil a partir do qual o paciente pode enraizar-se, acontecer em sua singularidade, atualizar em suas potencialidades e destinar-se, ou seja, colocar-se em marcha e travessia” (CARDELLA, 2014, p. 109). Diante da relação estabelecida a abertura à mudança pode ser facilitada, através do fornecimento do espaço adequado para que o paciente possa se escutar e entrar em contato consigo mesmo enquanto ser de possibilidade.

O processo terapêutico infantil tem como um de seus objetivos o cultivo do desenvolvimento infantil de modo saudável (ZANELLA, 2010). A psicoterapia infantil ancora-se no desenvolvimento das funções de contato, na ampliação da *awareness* e na valorização da experiência presente. *Awareness* em Gestalt-terapia “é a expressão vivenciada e consciente de que somos seres de relação, em um profundo dar-se conta por meio de uma sensação de integração de todas as minhas partes em um único ato de percepção interna” (RIBEIRO, 2006, p. 74). Este conceito refere-se à pessoa ter consciência da própria presença no mundo, conseguir se perceber e conseguir identificar os sentimentos e emoções envolvidos a partir da sua relação com o mundo próprio e com os outros. Em suma, refere-se à pessoa se fazer presente no mundo. Esta presença acontece pelas vivências do aqui e agora.

Outro objetivo da psicoterapia infantil é possibilitar que a criança se aproxime de si mesma, do mundo e entre em contato com seus sentimentos e suas emoções. Conforme apontado por Perls, Hefferline e Goodman (1997), os sentimentos infantis possuem papel importante para o desenvolvimento do homem e não devem ser desconsiderados. Assim, “os sentimentos infantis não são importantes como um passado que deve ser desfeito, mas como alguns dos poderes mais belos da vida adulta que precisam ser recuperados: espontaneidade, imaginação, exatidão da *awareness* e manipulação” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 105). De acordo com Antony (2010), a partir do estabelecimento de uma relação terapêutica, o profissional pode auxiliar no reconhecimento de sentimentos e emoções bem como na identificação dos impactos destes no corpo.

Além disso, pode-se considerar que “a psicoterapia é restauração do poder de ajustamento criativo do paciente, processo de autorrealização e atualização de suas potencialidades criativas” (CARDELLA, 2017, p. 185). O ajustamento criativo refere-se ao processo natural de reorganização da pessoa, diante das modificações constantes que ocorrem durante os processos da vida. Assim, surge como tentativa de se adaptar ao meio e criar soluções para alcançar o equilíbrio frente às situações que trazem modificações externamente e/ou internamente.

Outro aspecto que pode ser considerado como uma das peculiaridades do atendimento infantil é que, inicialmente, a busca pelo acompanhamento surge através da demanda de um terceiro, que é um membro da família. Quem procura pela psicoterapia é um adulto que já possui um ponto de vista sobre a criança a partir da relação estabelecida com ela.

Esta visão do adulto pode estar ancorada no psicologismo e nas teorias de desenvolvimento. Nota-se que tais teorias colocam a criança em um lugar de fragilidade. Partindo deste princípio, a família pensa na criança como alguém que não pode passar pelo sofrimento por não conseguir lidar com ele, esquecendo-se de suas potencialidades. Ao esconder da criança questões fundamentais, o adulto oculta dela o mundo. O que a deixa desamparada, uma vez que o adulto é quem pode fornecer o suporte para a criança atribuir significado ao mundo. Este significado vai sendo construído a partir da relação com o outro.

A criança não chega ao consultório sozinha. Ela é trazida pelo adulto, que é responsável por ela. Assim, o adulto decidiu conduzi-la ao psicoterapeuta por diversos motivos. Contudo, fica claro que ele também sofre e tem dúvidas de como assistir a criança. É necessário que o psicoterapeuta amplie seu olhar para o adulto, para o contexto familiar em que a criança está inserida. Quando a família busca pelo atendimento infantil “é necessário

compreender essa queixa, compreender a relação que existe entre esta figura/queixa e o fundo” (FRAZÃO, 1991, p. 41).

A despeito da relevância do conhecimento da história da criança por meio da narrativa familiar, que é o ponto de partida, devem ser ampliados o olhar e a escuta sobre essa dinâmica familiar da qual a criança faz parte. Para escutar e olhar de forma atenta o contexto que está sendo desvelado para o psicoterapeuta, torna-se imprescindível compreender como a criança percebe as interações em seu contexto familiar, de acordo com os conteúdos trazidos por ela.

Sobre este trabalho com a família, Antony (2010) traz a compreensão de um caminho terapêutico percorrido com os integrantes do núcleo familiar, o qual sensibilize os responsáveis para os conflitos que a criança está vivendo e evidencie suas potencialidades frente às situações da vida. É fundamental trabalhar com a família para que seja possível enxergar a criança e percebê-la tal como é, indo para além do que é esperado. Essa visão sobre a criança envolve perceber o seu potencial e confiar nele. A partir do estabelecimento de uma relação de confiança com a criança, o adulto dá o primeiro passo para dizer a ela sobre o mundo e fornecer-lhe o suporte necessário para que ela construa o mundo e se construa nele.

Diante das demandas trazidas pela criança e pela família, o trabalho do psicoterapeuta, ao realizar o atendimento infantil, é se fazer presente de maneira cuidadosa. Para assim, dar suporte nas situações de sofrimento e ao contexto familiar, sem perder de vista o que a criança traz na sua condição de ser-no-mundo-com-os-outros. A psicoterapia proporciona a partir de um espaço compartilhado, a possibilidade da criança experienciar novas vivências e atribuir novos sentidos, significando. O que auxilia no processo de ressignificar a vida apesar das perda, das frustrações e sofrimentos.

Zanella (2010) aponta alguns aspectos necessários para que o psicoterapeuta infantil consiga realizar o seu trabalho. Assim,

Para atender crianças, é fundamental gostarmos delas, sermos capazes de estabelecer uma relação empática com elas, procurando vivenciar seu mundinho e olhar o mundo com seus olhos. Da criança que fomos, guardamos lembranças e sementes. Para atender, precisamos resgatar nossa criança interna, presentificando-a durante as sessões: nossa parte espontânea, divertida, brincalhona é trazida à tona nos atendimentos, fazendo do consultório um laboratório de vivências. (ZANELLA, 2010, p. 121).

Nesta prática clínica do cuidado, é preciso disponibilidade para ultrapassar uma relação de sujeito e objeto e acreditar que a criança é a pessoa que mais sabe de si. A partir das vivências dentro do processo terapêutico, o profissional poderá fornecer o suporte necessário para que ela possa atribuir novos sentidos às relações, contando com a presença do outro que acolhe, escuta, brinca e constrói em conjunto. Cabe ao psicoterapeuta ser o adulto que

acompanha a criança em seu processo de passagem e desenvolvimento num mundo que ainda é novo para ela. “A criança necessita aprender a expressar o que sente e deseja, e precisa fazê-la de forma consciente para não ter de inventar ajustamentos comportamentais que mascaram sua necessidade original e o seu funcionamento espontâneo” (ANTONY, 2010, p. 89).

5.2. Intervenções psicoterápicas com crianças enlutadas

“Como encarar a morte?
[...]
Singular, sentir não sentindo
ou sentimento inexpresso
de si mesmo, em vaso coberto
de resina e lótus e sons.
Nem viajar nem estar quedo
em lugar algum do mundo, só
o não saber que afinal se sabe
e, mais sabido, mais se ignora.”
(Carlos Drummond de Andrade)

De acordo com Kóvac (2021), o tema da morte se tornou impedido, a partir do século XX, e é frequentemente evitado nas conversas entre as pessoas pelo temor. Cabe ressaltar que ao abordar a palavra temor ao se falar da morte é diferente de se dizer do medo. A morte é temida por se reconhecer nela a ausência de desdobramentos e possibilidades futuros. O temor está diretamente relacionado ao reconhecimento do mistério de não mais existir.

Ao abordar o assunto da morte em um contexto de psicoterapia infantil, percebe-se que o adulto evita tratar desse assunto diretamente com a criança como uma estratégia de evitar o sofrimento. Entretanto, “crianças e adolescentes convivem com imagens de mortes todos os dias, ao mesmo tempo em que são ‘poupados’” (KÓVACS, 2021, p.3). Pode-se dizer que, desde a infância, o morrer é considerado um tabu, algo ameaçador, assunto que se deseja esquecer.

Quando acontece a procura pela psicoterapia após uma criança perder um ente querido, nota-se a dificuldade do adulto ao lidar com a perda, de ter que dizer disso para a criança e de fornecer suporte sobre algo que também para ele se torna insustentável. Esse aspecto está relacionado às dificuldades do adulto em lidar com a morte, bem como sobre o modo como ele pensa a criança. Este modo de se pensar sobre a criança está ancorado à visão de criança como frágil e incapaz de lidar com as mazelas da existência.

Conforme apontado anteriormente sobre as visões generalistas da infância, as visões dos adultos podem atravessar diretamente a vida das crianças, como no caso da morte. O que pode gerar questionamentos sobre quem possui dificuldades em abordar o assunto. Seria a morte um evento que deve ser escondido da criança para evitar sofrimento ou será que é o

adulto quem tem dificuldades de tratar de algo que também o atravessa? Dizer da morte é dizer do irreversível, daquilo que nem um homem pode controlar porque é seu destino certo.

No livro **O medo da Sementinha**, Rubem Alves (1987b) traz contribuições para nossa reflexão sobre a questão do morrer enquanto algo que faz parte do ciclo da vida. Ao introduzir a história, o autor aponta que “da morte nada sabemos. Só sabemos das histórias contadas do lado de cá, palavras que sobre ela colocamos a fim de torná-la uma presença menos ameaçadora” (ALVES, 1987b, p.7). A morte nunca deixou de estar próxima da realidade das pessoas, uma vez que o caráter de ser-para-a-morte é um aspecto constituinte do ser humano.

Há uma exigência constante de que a criança deve ser feliz em todos os momentos. Então o adulto esconde dela a realidade, acreditando que ocultar o sofrimento da criança poderá diminuir seu sofrimento. Porém, ao tomar esse posicionamento o adulto acaba por deixar a criança desamparada. A criança como existência lida em diversas circunstâncias com a tristeza e sofrimento. Nesse sentido, é impossível que o adulto consiga impedi-la de passar pelos processos de sofrimento e de viver os desafios da vida. Ao esconder esse assunto dela, ele deixará de fornecer o suporte que ela necessita para se constituir no mundo.

De acordo com Melo (2018, p. 94) “a criança sofre, criança morre, ela perde coisas e pessoas. O sofrimento faz parte do modo de ser do homem assim como a alegria. Ele também se faz presente na vida da criança”. Negar esses aspectos pode acarretar ainda mais sofrimento que dizer para a criança a verdade. “A criança está disposta a saber a verdade sobre a morte, tanto que indaga sobre ela de várias maneiras” (PRISZKULNIK, 1992, p. 496).

A partir disso, a temática da morte pode surgir e ser trabalhada, superando a ideia de que tal assunto não possa ser dito. O papel do adulto de fornecer o suporte adequado à criança. Esse suporte é iniciado quando se confia no potencial da criança em lidar com os sentimentos inerentes à condição humana. Além disso, é necessário dar a ela um espaço de acolhimento e expressão dos sentimentos durante o período de luto. Para que ela possa construir a própria história levando em consideração a falta de alguém que teve um papel importante durante a sua trajetória.

Ao tratar sobre o processo de luto de uma criança é possível perceber que não é somente ela que está enlutada. Conforme citado por Franco (2020, p. 201) “o luto da criança é vivido em um contexto relacional, de uma família que, por sua vez, também sofre este luto”. Todo o campo familiar é impactado pela perda de alguém significativo. Por esse motivo, precisa se autorregular após a falta de um membro. A experiência do luto pode ser afetada por “crenças e culturas, em diferentes sistemas familiares e religiosos, vivências anteriores de perdas e o modo como a família lida e dialoga sobre questões sobre a morte e o morrer”

(CAMPS. 2021, p. 44). Por isso, deve-se compreender o fundo fornecido para que a criança se faça figura. Para conseguir intervir com a família de forma próxima.

Na contemporaneidade, de modo geral, evita-se abordar os sentimentos e emoções tomados como negativos. Entretanto, tais sentimentos não deixam de existir apenas porque os negamos. Tal questão pode ser exemplificada através da obra *Os peixes, o vovô e o tempo* escrita por Möller (2015). O livro retrata a história da garota Helô, que demonstrou tristeza ao perder um de seus peixes. Na ocasião, os adultos que moravam junto com ela, não forneceram abertura para que ela dissesse o que estava sentindo e afirmaram que não havia necessidade de que ela se sentisse triste pela perda do peixe.

E então a criança escondeu o peixe no seu porta-jóias. Ao não se sentir acolhida pela família, a criança encontrou suporte no encontro com o avô, ocasião em que pode ter uma conversa sobre os sentimentos e os processos de luto da vida. Há uma transformação na história a partir do momento em que a criança teve um contato com o avô, que forneceu um lugar de escuta para a neta. Nesse sentido, Cardella (2017) aponta a importância do suporte do outro nos momentos de sofrimento. De acordo com a autora “quando há presença de um outro, o sofrimento pode ser comunicado e torna-se passagem, portanto experiência no tempo, movimento de vir-a-ser, esperança” (CARDELLA, 2017. p.144).

Em um atendimento psicoterápico infantil com uma criança enlutada foi utilizada a obra **O pato, a morte e a tulipa** de Erlbruch (2007), que narra o encontro do pato com a morte. Durante este encontro, o pato se assusta ao se deparar com a morte, questionando se havia chegado a hora de sua partida. Então, a morte diz a ele que está sempre próxima desde o momento em que ele nasceu. Conforme lembrado por Alves (1987a, p.7), “quem não fala sobre a morte, acaba por se esquecer da vida”. Além disso, outro ponto que deve ser considerado ao abordar a questão do luto é justamente provocar a reflexão sobre a morte como algo que faz parte do ciclo da existência.

Falar sobre o luto com uma criança em psicoterapia não quer dizer que será possível encontrar uma resposta para as dúvidas sobre o que acontece após a partida de alguém. Tampouco, refere-se a criar histórias fantasiosas sobre o que acontece a fim de tranquilizá-la. A abertura de um espaço compartilhado para dizer das faltas é mencionar que elas farão parte da existência em diversas circunstâncias.

Assim, neste espaço compartilhado de diálogo se inicia o processo de cuidado com as feridas que estão abertas e deixarão marcas em diversos momentos. Este cuidado envolve entrar em contato com a própria dor e os sentimentos. O psicoterapeuta não poderá curar a ferida para a criança, nem promover sua cicatrização imediata. Ele estará ao lado dela

respeitando seu processo singular de fechamento do ferimento. Sendo assim, o trabalho caminha em sentido oposto à ideia de poupar a criança do sofrimento. Mas possibilita estar com ela em seu processo de cicatrização das feridas e para que ela possa viver as quedas, desvios e os ganhos da vida. Portanto, a psicoterapia com crianças enlutadas tem como objetivo fortalecer o autossuporte para que ela possa passar pelos caminhos curvos da existência.

O processo de luto envolve se ajustar criativamente frente às perdas que estão presentes no ciclo da vida. Tal aspecto não é diferente no mundo da criança. Ao se pensar sobre a elaboração do luto, Alves (1987b) possibilita a reflexão sobre a questão abordando o ciclo de vida de uma sementinha. Assim, “foi preciso que a sementinha sumisse para que a árvore que morasse dentro dela nascesse” (ALVES, 1987b, p. 20).

Há diversas possibilidades de se viver de forma diferente, após vivenciar o processo de luto. Durante a leitura desta obra em um atendimento clínico, foi promover a reflexão da criança atendida, sobre a morte no processo de vida. E a partir disso, a criança se identificou com a sementinha do livro e associou a vivência ao processo de luto pelo qual passou, atribuindo um novo sentido para a própria vida.

Nesse sentido, o atendimento clínico de crianças enlutadas possibilita abordar o tema da morte, tal como ele é, algo que faz parte da vida. E que irá surgir em diversos momentos da existência marcada por transformações constantes. Para isso deve-se acompanhar a criança em seus diversos modos de passar pelo período de sofrimento. Dessa forma “é possível falar da morte apesar da tristeza nela contida, quando se perde alguém de quem se gosta. Permitir que a criança sinta essa tristeza, acolhê-la e dar-lhe conforto” (PAIVA, 2011, p. 79).

Considerando a importância da dimensão relacional para a visão gestáltica, ao realizar o atendimento de uma criança enlutada, deve-se levar em consideração o campo vivencial da criança que passa pelo luto e o modo como ela se relacionava com a pessoa que perdeu (CAMPS, 2021). Esta dimensão é essencial, uma vez que “somos parte uns dos outros e nosso sentido existencial está atrelado ao sentido do que somos a alguém e do que podemos ser na relação com alguém” (FREITAS, 2013, p.99). Após a construção de uma relação de confiança, na qual a criança pode trazer aspectos do luto que vive, ela pode ampliar sua consciência de si mesma e seus sentimentos relativos ao período que está vivenciando.

A tarefa delicada do psicólogo neste atendimento é a de possibilitar à criança um ambiente de acolhimento, compreensão e segurança para que ela possa expressar, compreender e atribuir novo sentido aos sentimentos frente às perdas (MAZORRA, 2005). Há diversas formas de entrar em contato com o luto em um ambiente terapêutico. A expressão

dos sentimentos pode ocorrer através do choro pela falta de alguém que não irá mais retornar, pela raiva diante de uma realidade que não pode ser alterada, pela fala das memórias que se tem de alguém que foi muito especial.

A intervenção clínica com crianças enlutadas também pode ser exemplificada a partir da obra **O vazio**, de autoria de Ana Lhenas (2017). No livro citado, há um convite para olhar para o próprio vazio. Neste contexto, o encontro psicoterápico é o espaço fecundo para que a criança consiga entrar em contato com as faltas em sua história. Este contato, em muitas circunstâncias poderá ser doloroso.

A dor é uma ferida que precisa de atenção e cuidado. Atravessá-la e superá-la significa encarar nossos sentimentos honesta e abertamente, expressando-os e trabalhando para aceitá-los, por quanto tempo for preciso. Temos medo de que a dor nos derrube se reconhecemos e fizermos contato com ela. No vivido, quando permitimos experienciá-la, ela se transforma (TAVARES, 2001, p.67).

A partir da presença que convida para olhar para dentro, há a possibilidade de estabelecimento de novas relações com o mundo. Sendo assim, neste acompanhamento não será possível retirar a criança do sofrimento, mas ocorrerá a abertura para que ela construa novos sentidos a partir da vivência do período de sofrimento. Este é um campo de possibilidades para que ocorra “a transformação da experiência para internalizar o essencial e prosseguir (seguir em prol)” (TAVARES, 2001, p.67).

6. CONCLUSÃO

O estudo realizado nesta monografia possibilitou a reflexão sobre o atendimento clínico das crianças enlutadas como um campo de possibilidades. Esta prática clínica possibilita a abertura para a discussão de um tema que é constituinte da existência, a morte. É importante destacar que há diversos processos de luto ao longo da vida desde o período infantil. Dessa forma, não se pode restringir o luto apenas à perda por morte. O luto pode ser encontrado no término de uma amizade, nas mudanças corporais e em diversos momentos que envolvem perdas no transcorrer da vida, conforme citado neste trabalho. Todas as formas de luto devem ser acolhidas e validadas, bem como as particularidades do enlutado.

Nesse contexto, a intervenção clínica infantojuvenil pode ser comparada a um solo fértil, em que a partir do momento que o cuidado é recebido, pode-se florescer de maneiras singulares. Na clínica o profissional da psicologia realiza o papel de fornecer suporte para que a criança consiga lidar com o sofrimento diante de uma realidade que não é passível de mudança. Em psicoterapia da abordagem gestáltica, não se coloca em pauta curar a criança para que ela deixe de sofrer, ou esconder dela a realidade dos percalços da existência. Esta linha clínica se tornou uma base enriquecedora para o trabalho em situações de luto no período infantil, uma vez que se trata de um trabalho na dimensão do inter-humano.

Neste contexto, a perspectiva fenomenológico-existencial, que é uma das bases filosóficas e metodológicas, traz contribuições para o atendimento. Por este viés, nota-se a importância de se enxergar a criança como um ser-no-mundo que possui capacidade de vivenciar o processo de luto, bem como os sofrimentos durante a vida, organizando-se diante deles. Mas, para isso, precisará do adulto que a ampare e forneça o suporte necessário para que possa construir seu mundo a partir das experiências pelas quais passou e pelas relações estabelecidas.

Conforme lembrado por CAMPS (2020, p.71) “em um mundo sem espaço para o trágico, a clínica ocupa um lugar de destinação do sofrimento provocado pela perda”. O trabalho clínico com crianças enlutadas oferta um espaço de cuidado, diante da vivência de uma realidade de extrema dor e sofrimento. Tais vivências são essenciais para a construção do homem no mundo.

Nesse sentido, a compreensão do significado da perda será atribuída por cada criança. Somente ela conseguirá dizer da própria experiência e da relação que estabeleceu com a pessoa que perdeu. A partir do encontro genuíno em psicoterapia da abordagem gestáltica, abrem-se as possibilidades para a vivência de um processo que seguirá o ritmo da criança. O

que poderá acontecer neste período dependerá do que será desvelado e velado pela criança em psicoterapia. No encontro com a criança enlutada, deve-se respeitar o tempo de cicatrização da ferida, que é particular.

O psicoterapeuta poderá também fornecer um espaço de escuta do contexto familiar do enlutado. Compreender a dinâmica familiar e promover a reflexão dos cuidadores da criança sobre a importância de não tornar o luto um assunto interdito é essencial. A partir dos questionamentos o profissional da psicologia apresentará a possibilidade de o adulto olhar para a criança com novas lentes e com confiança. Esta confiança refere-se à sua função de fornecer suporte para que ela, bem como na capacidade infantil de vivenciar o sofrimento.

O psicólogo, em seu trabalho artesanal, irá acompanhar a criança na construção de novos fios, relações e formas de vida em um mundo que não é mais o mesmo. Conforme lembrado por Alves (1987a, p.15), “um dia o coração diz que é preciso partir para voltar a viver”. Portanto, trata-se de um trabalho do resgate da vida, apesar da falta de alguém importante.

Vale ressaltar que não há a pretensão de esgotar o tema do atendimento de crianças enlutadas neste trabalho. Mas possibilitar a reflexão do lugar da psicoterapia enquanto suporte para que a criança possa viver seu luto. Espera-se que a discussão sobre o atendimento de crianças enlutadas, pela perspectiva da Gestalt-terapia, seja ampliada e continuada, visto a relevância da temática.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- ALVES, Rubem. **A montanha encantada dos gansos selvagens**. São Paulo: Paulinas, 1987a. 20p.
- ALVES, Rubem. **O medo da sementinha**. São Paulo: Paulinas, 1987b. 20 p.
- ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Psicoterapia existencial**. 4.ed. São Paulo: Thomson Loalning Brasil, 2007.
- ANTONY, Sheila. Um caminho terapêutico na clínica gestáltica. *In*: ANTONY, Sheila. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010. p. 79-107
- ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte**. 1.ed.Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
- BOWLBY, John. **Perda: tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.(v. 3 trilogia Apego e perda).
- CAMPS, Patrícia Barrachina. **Um olhar da gestalt-terapia para o luto da criança: uma revisão integrativa de literatura**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/26065>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. p.104-130.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. Amparo: Foca, 2017.
- CARDOSO, Claudia Lins. A face existencial da gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 145-156.
- CASELLATO, Gabriela (Org.). **Luto por perdas não legitimadas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2020. 264p.
- CYTRYNOWICZ, Maria Beatriz. **Criança e infância: fundamentos existenciais –clínica e orientações**. São Paulo: Chiado Editora, 2018.
- ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. 1.ed. Cosac &Naify: São Paulo, 2007.
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTÁSIO, Myriam Moreira; GILL, Débora. Considerações sobre o desenvolvimento infantil em uma perspectiva existencial. *In*: FEIJOO,

Ana Maria Lopez Calvo de; FEIJOO, Elaine Lopez (org.). **Ser criança**: uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro: IFEN, 2015. p. 115-164.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; FEIJOO, Elaine Lopez, (org.). **Ser criança**: uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

FRANCO, Maria Helena Pereira. A teoria do apego de John Bowlby diante da morte e do luto vivenciados na infância e na adolescência. *In*: MARIOTTO, Rosa Maria Marini; MOHR, Allan Martins (org.). **A vivência da morte e do luto na infância e adolescência**: recortes psicanalíticos. Salvador: Agalma, 2020. p. 196-207.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Pensamento diagnóstico em gestalt-terapia. **Revista de Gestalt**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 41-46, 1991.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Psicologia da gestalt. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013a. p. 99-113.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Um pouco de história... um pouco de bastidores. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013b. p. 11-23.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013. Acesso em: 29 nov. 2022.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Uma visão fenomenológica do luto**: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2004.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt**: uma terapia do contato. São Paulo: Summus, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback e Emanuel Cordeiro Leão. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1989. (Coleção Pensamento humano).

KOVÁCS, Maria Júlia (coord.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: quebrando paradigmas. 1.ed. Novo Hamburgo: Synopsys, 2021.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth; KESSLER, David. **On Grief and Grieving**: Finding the Meaning of Grief Through the Five Stages of Loss. New York: Scribner, 2005.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LÄNGLE, Alfred; BÜRGI, Dorothee. **O cultivo da vida**: crise e sofrimento existencial. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021. 179p.

LHENAS, Anna. **Vazio**. Tradução: Silvana Tavano. São Paulo: Moderna, 2017.

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. A gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 145-156.

LUGONES, Pablo; RAMPAZO, Alexandre. **O passeio**. 1.ed. Blumenau:Gato Leitor, 2018. 52p.

MAZORRA, Luciana. O luto na infância. *In*: MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria (org.). **Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos**. São Paulo: Livro Pleno, 2005. p. 17-34.

MELO, Telma Fulgêncio Colares da Cunha. Um olhar fenomenológico sobre o processo psicoterapêutico da criança. *In*: GIOVANETTI, José Paulo *et al.* (org.). **Fenomenologia e psicologia clínica**. Belo Horizonte: Artesã, 2018. p. 73-113.

MÖLLER, Leticia. **Os peixes, o vovô e o tempo**. Porto Alegre: Libretos, 2015. 40p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021. **OMS**. Genebra, 5 maio 2022. Disponível em:<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PRISZKULNIK, Léia. Criança diante da morte. **Pediatria Moderna**, [s. l.], v. 28, n. 6, p. 490-496, 1992.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 24-33.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Prefácio. *In*: ANTONY, Sheila. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010. p. 9-12.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 2015.

RODRIGUES, Hugo Elídio. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 114-144.

TAVARES, Gláucia Rezende *et al.* **Do luto à luta**. 1.ed. Minas Gerais: Editora Casa de Minas, 2001.

TESSARI, Claudia Clair P. O uso da narrativa clínica como processo de integração. *In*: ANTONY, Sheila; ZANELLA, Rosana. **Infância na gestalt-terapia: caminhos terapêuticos**. São Paulo: Summus, 2020. p. 65-85.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. 22.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

ZANELLA, Rosana. A criança que chega até nós. *In*: ANTONY, Sheila (org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010. p. 109-122.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>. Acesso em: 31 out. 2022.

WORDEN, J. William. **Terapia do luto**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.